

O HERALDO

Anúncios, comunicados e assinaturas

PAGAMENTO ADEANTADO

ASSINATURAS: Semestre, 70 centavos (700 réis)
Número avulso, 4 centavos (40 réis)

Editor e Administrador—Lyster Franco

SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

DIRECTOR—LYSTER FRANCO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Redacção, Administração, Composição e Impressão

TIPOGRAFIA DO HERALDO

LYSTER FRANCO e JOÃO P. DE SOUSA

Rua Primeiro de Dezembro, 23 e 27

A GUERRA

Pedem-nos a publicação do seguinte:

Prisioneiros de guerra

Comité de Secours aux Militaires et Civils Portugais prisonniers de guerre — Hotel Richemont—Lausanne — (Suisse)

Lausanne, 1917.

Il.^{ma} e Ex.^{ma} Sr.

As desgraças e infortúnios da guerra têm encontrado, no generoso impulso de muitos, balsamo e lenitivo.

O Paiz que nos acolhe tem sido daqueles que tem dado uma das mais altas e puras manifestações desse maravilhoso altruismo.

Mal pareceria que portugueses, hospedes desta encantadora terra, se não deixassem inspirar pelo seu nobre exemplo.

Aqueles que, batendo-se pela causa do direito e da justiça, viram o seu heroico esforço interrompido e como prisioneiros foram levados, pelo inimigo, para longe da terra que defendiam, sofrem cruelmente. Sofrem do afastamento da Patria empenhada numa luta cruenta e da falta do agasalho do lar, agora triste e abandonado.

Entre esses haverá em breve portugueses.

Levar a esses compatriotas, defensores da mais santa das causas, conforto material que tanto lhes faltará, é fornecer-lhes, com elementos de vida, a força moral que para eles dimanará de se sentirem lembrados e protegidos. Nessa certeza que não mais os abandonará atravessarão alegres e com os olhos fixos no dia radioso da vitória, o tempo do cativeiro. Não pretende a Comissão abaixo assinada, composta de elementos da colonia portuguesa na Suíça, advogar perante V. Ex.^a esta santa cruzada.

Divulga-la é o seu unico fim. Tanto bastará para ela despertar o concurso generoso de todos os que souberem da sua existência.

Por isso temos a honra de levar ao conhecimento de V. Ex.^a, que junto da Sociedade «Pietas» da Cruz Vermelha Suíça foi, a pedido da Colonia portuguesa da Suíça, constituida uma secção portuguesa a exemplo das secções francesa, russa e polaca, que funcionam ha já dez meses com pleno exito.

A secção portuguesa «Pietas» cujos Banqueiros em Berne são os srs. von Ernst & C^a, receberá os donativos que lhe quizerem enviar e applica-los-ha ao fim preciso que for indicado pelos doadores.

Os donativos poderão tambem ser enviados á sede da Comissão de Socorros, Hotel Richemont, Lausanne, Suisse.

Das somas recebidas duma ou doutra parte e da sua applicação terão estes conhecimento, por communicação directa ou pela imprensa de Portugal.

A secção portuguesa de «Pietas» não só se encarrégua da expedição

de pacotes aos internados portugueses, mas também de averiguar do paradeiro daqueles cujas noticias faltem.

A Comissão abaixo assinada pede a V. Ex.^a queira contribuir para o bom exito da sua missão, salientando que, pela sua situação na Suíça, directamente em relações com a Alemanha e pela sua filiação official na Cruz Vermelha Internacional, cuja sede é Genebra—e que trata de toda a especie de questões humanitarias referentes aos prisioneiros de guerra e que se encontra em relações directas com os diferentes campos de prisioneiros na Alemanha — apresenta facilidades enormes e uma segurança absoluta quanto aos envios, podendo portanto melhor do que qualquer outra coletividade cumprir a sua missão com relativa facilidade, precisão, segurança e rapidez.

A Comissão organisadora e de propaganda:

Antonio Maria Bartolomeu Ferreira.
Visconde de Faria.
Conde de Penha Garcia.
José de Moraes do Carvalho Guimarães.
Antonio Tavares da Silva Godinho.
Joaquim Bensaude.
H. R. Dias de Oliveira.
Jorge de Mendonça.
Alfredo José Rodrigues de Barros.
Francisco de Almeida Garrett.
Joaquim Anibal Ferreira.
Antonio Joaquim Pereira.
Manuel Alvarez.
Amavel Jardim Granger.
Augusto Pereira da Silva Lopo.
Armando Pereira Ataíde de Medeiros.
João Moniz Borges Cordeiro.
Jorge Emilio Melo Vieira.
Fruutuoso da Silva Neto Junior.
Bento Caetano.

A Sub-Comissão:

Francisco de Almeida Garrett.
Jorge de Mendonça.
Joaquim Anibal Ferreira.
Armando Pereira Ataíde de Medeiros.
Augusto Pereira da Silva Lopo.
João Moniz Borges Cordeiro.
Roque Salcedor da Silva.

Crónica citadina

A FALTA DE MELHOR...

Não é tarefa insignificante registar semanalmente, para a Posteridade, os successos citadinos que vão ocorrendo, tão numerosas são as suas nuances, tão complicadas as suas engrenagens e vistosos os seus cordelinhos!

Alguns, roçando pelo grotesco, dar-nos-iam largo tema para escancarados risos se não houvesse a nublada sombra tragica de uma desdita, as mais das vezes provocada pelo gesto egoista de qualquer imbecil!

Que o imbecil—Deus louvado!—é presentemente, a maior força social que conhece, nesta santissima cidade da Virgem, bem entendido.

Os seus gestos actuaes, influem, dão a lei, embora uma lei avessa á moral que deve pautar os movimentos desta complicada engrenagem que se chama a Sociedade.

O imbecil é tudo!
E' ve-lo, impante de vaidosa brutalidade, o olhar porcino a disfarçar peçonha; acotovelando ou procurando acotovelar sempre toda a gente e até—oh pasmo!—aqueles que, lembrando-se do distico dos jardins zoologicos, fogem, por instinto, o mais possivel dos contactos da... creatura!

Pois é como lhes digo. O imbecil, graças á inércia dominante, conseguiu surgir, aflorar bem ao de cima desta socie-

dade citadina, e, o que é bem peor, triumphou e escravisa-a como tirano furioso e estúpido!

Senão vejamos: Ha conflitos, correm boatos, alastram perfidias, fumegam maledicencias? Perigo o edificio social ameaçando ruína desde os seus alicerces mais respeitaveis—á familia?

Procure-se bem, averigüe-se, analise-se com cuidado a razão mobil dos successos e logo se topará, no fundo, bem escondido, o imbecil, agindo, atuando, pontificando como qualquer gordo burguez que a sorte inconsciente cumulasse de favores e honrarias de cá-cá-rá cá!

E' dele que nos vem todo o mal; creiam; a ele devemos os nossos momentos de quiescência, os nossos aborrecimentos, as nossas horas negras! Queremos esquecê-lo, mas baldado empenho!—o imbecil surge-nos por toda a parte e, para cumulo, até vai estendendo a sua influencia: deletéria e pernicioso, ares em fóra, por sobre o tecto pacifico dos lares, inquinando venenosamente a atmosfera em que vivem as crianças e, o que é bem peor, fazendo deruir brutalmente, com a sua pata-ferrada, muitas vezes, todo um castello de ilusões, que um triste levou anos e anos a argamassar com desalentos, esperanças e incertezas!

E' claro que nos referimos ao imbecil dinheirosos, sempre alardeando importância e poderio... O imbecil pobre, esse não conta...

Oh! O imbecil!...

Pois não é verdade que é assim mesmo?

LYSTER FRANCO.

Dr. Francisco Vieira

Partiu para Lisboa o sr. dr. Francisco Vieira, digno Governador Civil de Faro.

Prof. Bernardino Barbosa

Com breve demora, se teve em Faro a fazer as suas despedidas o nosso presado amigo sr. Bernardino José Barbosa, antigo professor do Liceu de Faro e da Escola Industrial Pedro Nunes, onde assignalou a sua muita competencia profissional.

Ao sr. Bernardino Barbosa, que parte brevemente para França a honrar a Patria na qualidade de alferes meliciano, desejamos a maior felicidade.

PARTIDO EVOLUCIONISTA

A fim de pôr cõbro ás disparatadas atoardas relativas á desorganisação do Partido Evolucionista, publicou a «Republicana», uma nota officiosa em que por completa as desmentes.

A tal respeito tambem o nosso presado colega «O Sul» publicou a seguinte:

NOTA OFFICIOSA

JUNTA DISTRITAL EVOLUCIONISTA DE FARO

Consta a esta Junta Distrital que insistentemente se propaga a desagregação do Partido Republicano Evolucionista e que varios elementos, providamente perversos e animados de verificado rancor ás instituições republicanas, pretendem enfraquecer a força evolucionista nesta provincia.

Contra esses boatos e atoardas se opõe o mais formal desmentido, pois nenhuma cisão ameaça o Partido Republicano Evolucionista, antes se verifica a mais estreita unidade politica sob a alta direcção de sua ex.^a o sr. dr. Antonio José de Almeida, illustre Presidente da Junta Central.

A todos os correligionarios, portanto, recomenda esta Junta a maxima solidariedade e disciplina, como é indispensavel para manter integra a força politica de que o Partido dispõe.

OS GRANDES PROBLEMAS.

A EDUCAÇÃO DA MULHER

O que ella é e o que ella devia ser

Como já temos dito, nos paizes latinos é pequeno, ou quasi nenhum, o entusiasmo pela ampliação dos direitos civis e politicos da mulher. Aqui prepondera o sentimento da familia, que conserva a mulher mais pieza ao lar.

A propria França, que é o paiz latino onde as ideias revolucionarias ganham facilmente terreno, confere muito poucos direitos á mulher fóra da familia, em quanto, de bom grado, lhe reserva o mais respeitoso culto no lar.

E' certo que as diferentes faculdades de Paris passam diplomas em medicina e em direito a mulheres; mas convem notar que ordinariamente as que obtem esses diplomas são estrangeiras, pela maior parte das vezes russas, polacas, romanas, burgaras e servias. Rara é a mulher francesa que se dedica aos estudos superiores.

Comtudo apesar de que a este respeito, em França se é um pouco sceptico chegando a haver até uma certa má vontade contra as novas pretensões das mulheres, já se não zomba dessas pretensões, e tem-se alargado sucessivamente o horizonte da actividade feminina.

Já ha algumas medicas e advogadas francêsas, o que não quer dizer que seja notavel a sua clientela, e que sejam valiosos os seus proventos. Confia-se em França, com vantagem, ás mulheres, as funções de professoras de instrução primaria e secundaria, e outras nas administrações dos correios e telegrafos, nos diversos serviços de inspecção, etc.

Um grande numero de mulheres cultiva, tambem com muito proveito, a arte, em especial a pintura e a escultura. O salo de Paris expõe todos os anos bastantes trabalhos artisticos de mulheres, muitos dos quais chegam a obter distincções honrosas.

Tambem em Portugal temos alguns exemplos, de mulheres medicas, e, como se sabe, na Universidade de Coimbra estão-se formando com distincção algumas senhoras nas faculdades de matematica e filosofia.

Em todo o caso, são factos excepçionais, e o movimento da opinião a favor dos direitos politicos da mulher entre nós quasi que não existe.

Augusto Comte, depois de concluir pelo seu singular materialismo e pela negação da divindade, e por consequente, da trindade cristã, sentiu a necessidade de substituir o que acabava de destruir, preenchendo, o vácuo que fizera na alma humana com a invenção da celebre trindade de feminina.

Mãe, Esposa, Filha, simbolizando o passado, o presente e o futuro, tal é a trindade com que Comte julgava satisfazer o sentimentalismo do homem. A mãe enxugava-nos as primeiras lagrimas, e construe as bases do nosso espirito, bases sobre que se eleva todo o edificio do nosso ser moral. A esposa é a companheira das nossas alegrias e dos nossos pezares, é o conforto das nossas fadigas, é a melhor auxilia na nossa luita pela vida. A filha é a esperança que nos dá novos estímulos para o trabalho cujos resultados não de subsistir ainda depois de nós.

Apesar da fraqueza da concepção filosofica, a trindade Comteana sintetisa a verdadeira missão da mulher na sociedade humana.

E' ela a deusa do lar. Mãe, esposa ou filha, o seu papel é sempre preponderante na familia.

E não é insignificante, nem sequer de secundario alcance social, esse papel. E' a mãe que compete preparar o espirito da criança para as emprezas do futuro homem, porque só ella sabe compreender os filhos nas suas primeiras idades e insinuar-se nas suas almas para dirigi-las pelo caminho do bem.

Ella lança as bases da educação moral e intelectual dos que um dia serão chamados para dirigir os destinos das sociedades. Da boa compreensão e do sábio

desempenho desta sua nobre missão ha de depender fatalmente o progresso e o bem-estar da humanidade.

E', pois, de capital importancia, na evolução das sociedades, a acção da mulher na familia.

Arranca-la de aí, para expô-la a todos as tempestades inherentes á luita pela existência, é tirar-lhe toda a poesia com que ella nos enleia e nos domina e é, ainda mais, roubar á criança o seu natural guia, abandonando a formação do seu juvenil espirito aos caprichos de instintos desordenados e de exemplos perniciosos. E' destruir por completo a solidez dos alicerces sobre que virão a ser edificadas as sociedades futuras.

Por isso, não nos parece que represente progresso a proclamação das ideias sobre a emancipação politica e social da mulher; como só vemos com pesar o entusiasmo lúco dos socialistas, que com as suas singulares doutrinas, pretendem regenerar o genero humano.

Quem pensar serenamente na evolução das sociedades, desde os tempos primitivos, verá logo que as chamadas novas ideias, em vez de representarem progresso, nada mais são do que a destruição de toda a obra secular da civilisação humana, para reporem as coisas no estado dos tempos primitivos.

Toda a tribu, que passa de estado nomada para o estado sedentario, occupa a terra, colectivamente. O principio da propriedade individual só apparece muito tarde, quando essa tribu tem adquirido um alto grau da civilisação.

Nos tempos em que o homem se encontrava completamente sobre o dominio da natureza, não existe a noção da propriedade, porque o selvagem pensa só em satisfazer as necessidades de momento, e a noção da propriedade segue sempre ao sentimento da previdencia, sentimento que nasce sómente nos espiritos já sufficientemente desenvolvidos.

Quando a tribu nomada não consegue satisfazer as necessidades com a caça ou a pesca, ou com a fruta que colhe para saciar a fome, e torna-se sedentaria para cultivar uma porção de terra em comum, tem já adquirido um certo grau de civilisação.

A propria palavra o diz, a civilisação é o resultado da acção dos homens (civilis) reunidos para dominar mais ou menos facilmente a natureza.

A propriedade colectiva segue a propriedades das glebas distribuidas pelas classes ou castas, e só depois desta especie de propriedade, apparece a propriedade individual.

Cada um destes phenomenos corresponde a uma necessidade social; e é a resultante de todos os phenomenos sociais que representa o progresso.

Ora, se as pretensões dos socialistas se resumem na destruição do passado da civilisação, para se voltar á situação primitiva da humanidade é evidente que, em ultima análise, as ideias socialistas representam um retrocesso.

Sucede o mesmo com as pretensões relativas á identificação das funções sociais dos dois sexos. Nas sociedades primitivas, são efectivamente iguais essas funções. Mulheres e homens vão igualmente á caça e á pesca, ou cultivam conjuntamente o solo.

A distincção das funções sociais da mulher e do homem só apparece com a constituição da familia, fenomeno este que se observa somente nas sociedades com certo grau de civilisação.

E' esta razão porque nos parece que, tambem as novas teorias de emancipação da mulher não significam precisamente um progresso. Pelo contrario, parece ser um novo symptoma duma sociedade decadente, que, cansada do alto grau da civilisação a que attingiu, tende a voltar ao estado primitivo.

Pelo menos assim o julgam os pessimistas, que não representam a minoria...

MIMOS...

Altas ou baixas?

A sociedade moderna prefere a mulher alta, esguia, filiforme, sempre mais decorativa que a mulher pequena.

Parece, todavia, averiguado que esta possui uma sentimentalidade mais rica e mais carinhosa.

Alta ou pequena, a mulher só poderá conservar o seu prestígio se souber ser sempre o que na realidade é: mulher, palavra que deve ser sinónimo de sedução, carinho e ternura.

A inércia egoísta das altas e os ferozes ciúmes das pequenas são flagelos tão terríveis que já vão rareando os audaciosos que os afrontem.

O SORRISO

O sorriso é património exclusivo da mulher. Por meio dele expressa todos os seus sentimentos e basta vê-la sorrir em duas ou três ocasiões diferentes, para se conhecerem a fundo todas as suas qualidades.

O riso, franco e ruidoso, a que chamamos gargalhada, é característico da infância, e por isso se diz quando alguém se ri dessa maneira: «Parece uma criança».

O sorriso é mais eloquente que um discurso, e em muitas ocasiões, arrasta uma multidão que não tinha sido possível convencer com palavras.

Um sorriso doce, que ao contrair os lábios descobre os dentes, é com os olhos abertos olha bem para a pessoa a quem é dirigido, manifesta carinho, confiança e admiração. Se, pelo contrário, o sorriso se produz com os lábios cerrados, não há dúvida que ele manifesta odio, duvida, ciúmes e desprezo; algum desses senão todos os sentimentos torturam a alma de quem sorri.

Ha um outro sorriso mais breve e muito frequente produzido pela «coquetterie» e nada mais; como não revela impressões da alma, é menos interessante, mas não lhe faltam graça e atractivos, sobre tudo para o que, cego, só vê por uns olhos bonitos, que se voltam occultando um mundo de promessas e só respira por uma boca que se franze encantadamente, negando o que os olhos prometem. Para esses, o sorriso é um oráculo em que creem firmemente, até que uma gargalhada estridente descobre a falta de sinceridade do sorriso que fora o seu bálsamo.

Por ultimo, temos o verdadeiro sorriso, o que espalhado uma vez num lindo rosto de mulher, não desaparece mais, tenaz o invulgar poder de idealis-la e de converter uma mais sublime creatura a mais vulgar mulher. Este sorriso, como é o reflexo mais directo da alma, não pôde ensinar-se nem frente do vidro de um espelho nem afivelar-se ao rosto por convenção. Produz-se espontaneamente e inspira aos que o contemplam, respeito, admiração e amor.

O sorriso deve ser companheiro inseparavel da mulher. Desde muito nova deve aprender a sorrir, procurando alcançar o supremo grau de perfeição nessa arte natural que muitas vezes dispensa grandes palavras e faz adivinhar um mundo de felicidades.

L. P.

Chamamos a atenção dos nossos leitores para o anuncio da Companhia Geral de Credito Predial Portuguez Incerto no local competente, terceira pagina.

ELAS...

Os tacões altos

Não, há joven que, não tenha usado tacões altos, e as que ainda os não usaram, acabam por usá-los, crendo que ficam mais elegantes, com eles, sem pensarem nos males que esse uso lhes pode determinar, mesmo depois de terem sido abandonados.

Fortes dores nas pernas, contracções, calambres, inchação dos pés, dedos deformados, varizes e até tumores nas pernas são as atrocidades que se podem attribuir directamente ao pernicioso habito de usar tacões altos.

A razão disto é facil de ver.

Observe-se uma criança quando aprende a andar, e ver-se-á que, depois de lenta e difficil aprendizagem, chega afinal a manter o equilibrio, deixando descaçar por completo, ou quasi, os calcantares no chão.

Mas esta posição correcta e perfeitamente natural revoluciona-se completamente com a adopção dos tacões altos.

Com eles, o angulo da planta do pé é necessariamente agudo, e destrói o equilibrio entre o pé e a perna, fazendo que todo o peso caia sobre os dedos.

E, contudo, ainda é mais prejudicial o costume de usar tacões altos na rua e trazer por casa sapatos de salto baixo ou sem tacão, porque estas mudanças constantes da posição do corpo prejudicam muitissimo os musculos dos pés.

FUTURISMO

CENTE NOVA

ANCIA DE SER

revolvo-me em ancias de vir a ser alguma coisa pra cá dos cerebros parvamente adormecidos em não querer ser vacuo vontade e ainda pra cá dos espiritos grandemente iluminados em redenção apoteótica do século vinte

piramides-Nada esfingicas e espumantes são hoje pra mim pesadelo constante acordar tarde invadido em vago receio espectral e histérico de não irrumar de não vir a ser aquilo onde se resume toda a minha ancía todo o meu ideal todo o trabalho positivo do meu ser lúcido que vive agora pra cá do outro que foi romanticismo-parvo falta vontade de ser morto felizmente na minha vida

no deus umbroso deserto de desilhões com ventos alísios de Tadmor com dunas de desespero e caravanas de desiluidos achei um oasis de luz multi-alma esguando-se para o infinito também-me as faces contrailas em rictus feéricos de terror euroscando-se por mim arquejante de ancias com ondulações voluptuosas de sereias as labaredas de todos os incêndios apagados ha séculos pra dentro da historia e acesos hoje a minha louca imaginação fantástica absorvia e anciosa no rodopio dos meus pensamentos em velocidade genial muito maior que a da elipse de qualquer aeroplano multissimo maior que qualquer velocidade positiva existente no estado actual civilização incompleta de mundo dos grandes inventos infinitamente pequenos a vista dos que falta inventar tantos e tão grandes que o nosso pensamento não atinge dando o limite parvo baila de ferro que o restringe em opacidade de banal.

Faro, 13-8-917

FONTANES

Boletim n.º 31

Convulsões de peitos de aço a brámi-rem fortes! Zur! Zur! Zur!

Turbilhão mecânico rodopiando em vertigem de brilhos que giram capricantes em relampagos de estrondosas faiscasções!

Zur!

Wolverine!

O MOTOR MARINHO DE NOTAVEL CARREIRA E DIAMETRO.

Petroleo, Kerozene, Gaxolina e gaz pobre

Trabalho, pesado, Navegação Fluvial e Maritima!!!

E lá tão distante, Tu a rires! Ri embora! O riso tonifica por que é saudavel!

As arvores e os passaros também riem! Riem os peixes, e as pedras! Riem as águas, e os céus.

Tambem ri o

Wolverine Motor Works, inc

foot of Union Avenue Bridgeport, Conn. E. U. A. (antigamente em Grand Rapids Mich.)

Só a humanidade imbecil, estúpida e brutal é que não sabe rir.

Tu ris, porque não pertences á humanidade.

Tu scintila perdida no eter, participaste outrora do esplendor de um astro que nenhum homem chegou a ver porque nesse tempo não havia olhos nas orbitas humanas mas sim nas corolas das flores!

O astro passou mas Tu ficaste só para deslumbramento da minha retina amaurótica de cego amoroso em encantos!

Mas os Motores Wolverine trabalham com toda a variedade de combustiveis. Eu, motor-sombra apenumbreado do não existente superfluo e multipensado, trabalho em dores-alegrias, espasmos e delirios, rodopios e vertigens!

Tu, és scintila quando vibras e apenas maquina Singer-silenciosa quando Te lixras da ignição do pensar humano.

Ri o endereço telegrafico

WOLMOT CODIGO A B C 4 e 5

ED. Liebers

WESTERN UNION.

E a torção dos Clérigos a dançar e a rir! Tombou a solução de salicilato de soda dr. Clin! Passou-lhe o reumatismo e a gota! Wolmote! Wolmote!

Porto, Agosto 1917.

KERNOC.

Falta de espaço

A falta de espaço com que lutamos obriga-nos a retirar varios artigos já compostos para este numero.

A' Janela da Saudade

Lembrando o teu ex-passar

Rodopios de espuma cantam no buzio dourado das minhas ilusões em pranto!

Corações de folhas mortas de pinheiros entristecem no véu da pocira coada através de grades de ferro junto dos vidros rendilhados de velhice.

Caiu o vermelho, caiu o preto, tudo caiu e hoje os vidros olham claro.

E as garras de madeira seguram a madeira no vacuo!

Faro.

NEBLINA

NA ONDA INFAUSTA

A' que existiu em Ti

Através os cortinados tem hállos peningentos mortos de cor bacia o luar errante!

Andam vagabundas Fórmias ainda por definir pra cá da sarabanda do mosaico branco e preto da existencia dos crédulos!

Olhos argentos teniam em desespero angustia-do-não-ser a imbricada solução o Inevitavel!

E as águas claras do Lima todas a rir em gargalhadas nacaradas!

E as velhas casas de Vila do Conde, alpendradas em ruas tortuosas!

Os sete pecados mortais em caricaturas grotescas dos homens do regimen! O Teu inexplicavel laconismo!

Irisão!

O Teu grande sentimentalismo morto em escusados silencias!

Angustias!...

Porto—8—1917.

VIVINO.

CLARÃO

Pra cá das minhas ilusões superfluas escolhos de naufragios flutuam em mim substanciados de hiperboles de translucido não ser. Sinto-me ardentissimo na arvore esguia, monte quebrado em ansia pra traz da ravina obscurecida em hipnotismo sangrento morrendo volupias generosas em balsamos força material dos enigmas do Universo.

na vacuidade estelante das idéas em morbido revolidado senti parar em mim o turbilhão das aspirações loucas em relogios mortos sem concerto por causa da guerra quebrados em lembrança—proteção da vertigem de alcançar a victoria final dominante da apoteose lubrica entre fumo dos grandes transatlanticos e os sonhos do kaiser derreitados em aço poeira dispersa pelo yaukeismo pratico-velocidade ansia de ser mais comercio, deve e ha de haver industrias, maquinismos sibilantes produtores do trabalho força e vida em listerismos espasmodicos de grandes empreendimentos. Futuro redentor da Humanidade pelo aspiralar cicloide disperso na Europa Barbara Civilizada.

capacetes amachucados reluzem através aeroplanos em azas paradas. Tanks que avançam em mares de petroleo inflamado. Automoveis blindados e camions de viveres. A prisão do general Rennenkamff—Marconi, Edison e os inventos de guerra—Zepelins que eram montes de aluminio—Os grandes raids e o bombardeamento aereo de Berlim—Submarinos de folha de Flandres vestidos de tração respirando torpedos—Os gazes asfixiantes e o imperador da Austria que já morreu—O afundamento do Luzitania—A conferencia de Stockolmo!!!

Porto, 8º mes, 1917

O'raçio.

BELAS-LETRAS

Antologia do Algarve

POESIA

CONTRASENSO

Num pequenino cão bateu o meu visinho
Porque ele (já se vê) lhe fez alguma asneira
E depois de apanhar foi uma choradeira
Que me metia dó, o pobre animalzinho

O coração humano é um coração mesquinho
No egoísmo da especie a alma é rotineira:
Precisava abranger a criação inteira,
Tem azas para isso e fica a meio caminho.

Homens de pouca fé, almas endurecidas:
Passam al, bem perto, as ignoradas vidas
Distilando pra nós a sua abnegação

E, negra ingratição, perde-se o tempo em valsas,
Faz-se um poema d'amor para as mulheres falsas
E trata-se a chicote o grande amigo—o cão!

Tomar, Junho 1917

J. BRAK-LAMY.

PROSA

MADRIGALIS EM PROSA

PARA LONGE!...

Ao Teu Espírito Gentil

Sol esplêndido aspergindo ouro. Manha risonha.

No céu, anil purissimo, nos longes esmaecimentos de orquídeas mortas a diluirm seus pálidos tons violáceos em bruma subtil.

Um ar balsamico a acariciar brandamente a folhagem das arvores vestidas em neblina dourada.

Abro a janela do meu gabinete de trabalho e contemplo, durante alguns instantes, a faiscção das agnas palhetadas de prata.

Mas logo, vagamente, uma intensa nostalgia leva-me a pensar nesse incorrigivel idealista que foi Carlos de***, inolvidavel amigo, que, ao partir para a eterna viagem de que jamais se volta, se lembrou de comprovar a sua dedicada amizade por mim legando-me alguns manuscritos que constituem as suas «Memorias».

Assalta-me um imperioso desejo de re-ler aquelas sentidas paginas delinçadas pela mão firme do meu inditoso amigo; domina-me a saudade de rever o seu amplo cursivo moderno, franco como a sua alma sincera.

Abro o escrininho da velha papelreira de pau santo, onde resguardo aqueles tesouros deleitosos para a minha sensibilidade e procuro o manuscrito.

Sento-me á secretária. Ao acaso, folheio quasi maquinalmente aquela especie de diário.

Do jardim ascendem os questrações de perfume. Diante de mim, num solitário cujo cristal se virisa ao sol, enlanguesce, a morrer um lindo cravo tão branco que parece tallado em marmore.

Uma festa de sol, ilumina em listelo diagonal, de um dourado esplendido, uma estante de livros.

E eu leio:

«Minha Adorada»

Ontem, depois de escrever Te pensei que devia considerar-me muito feliz em quanto me fosse permitido conversar contigo.

Hoje, á hora doce do crepusculo, o Teu telegrama!

Bailavam andorinhas no ar parado, o sol agonizara e pelo horizonte alastrava uma ampla faxa luminosa em que o ouro, o carmim e o lilás se esbafiavam gradualmente.

No ar andavam tristezas diluidas... meu coração, fogo extinto, agonizava tambem; numa crispção brusca apodereime do telegrama, que o creado me trouxera, e li as Tuas palavras tristes num crescendo de desespero.

E' inutil descrever toda a angustia que elas me causaram.

E como não causariam se, no seu laconismo tão amargamente expressivo para mim, vinham derruir todo o lindo castelo de ilusões que devia á Tua mun-

ca desmentida bondade, á Tua amavel dedicacão?

Sim! Não escreverei! Para quê? Fiz sinceros votos pela Tua felicidade e Deus ouviu-me! Ha na minha grande tristeza esse vislumbre de alegria.

Alegria bem ténue, bem efemera, cre! Uma simples lucilação, apenas!

Nem mais podia ser, que eu não mereço!

Em meu sonho via Te, contemplava Te num enlevo constante, intenso! E a minha imaginação rejubilava idealizando Te livre, tendo só pensamentos para mim, que para nenhuma outra mulher os sabia ter...

A Fatalidade, cariciosa amiga, veio agora de perturbar-me, quebrando o meu lindo sonho.

A Tua liberdade é um mito!

Não Te pertences; nem sequer Teu pensamento pôde ser a libélula dourada sempre pronta a desluzbrar-me com as irisações das suas azas luminosas adejantes no azul transparente da Fantasia!

E's de outro!... E eu esqueçera-me!

Ha frases que aniquilam!

Que esmagam! Esta abraza-me.

E um grande fogo que parece desfiar-se em longas labaredas que me torturam o pensamento do futuro!

Pertences a outro!

Emquanto, tão distante, meu coração palpita por ti, abraçando-se num amor ideal, intenso e apaixonadissimo, ha outro—idéa torpe—que pôde livremente cingir Te em seus braços estreitos.

Na alucinacão do gozo e heber a doce ambrozia da felicidade suprema nos teus lábios de anjo de viral, descedentando-se, avard, das saudades de uma longa ausência!

Que infernal tortura!

Meu espirito sofre com a visão desses beijos, tortura-se com a lembrança desses amplexos que constituem o maior suplicio para mim!

As horas passam!

Aniquila-me uma atroz tortura impossivel de descrever. Sinto guerras ardentes esfarraparem-me o coração. Este coração em que só Tu vives!

Bem sei que, em meu aspirar constante, eu amo, eu amo só o Teu espirito e que, como o Anjo mau da balada, só quero a Tua alma! mas... Pertences Te ha ela, ainda?

Não! Não! Infelizmente o Destino ordenou a sua dispersão em pequeninos fragmentos que Te são muito queridos e que todo o Teu pensar absorvem num idealisar constante de purissimas aspirações!... Esperanças florescentes!...

Semanario Republicano De-
mocratico, recebe publica e
agradece todas as informa-
ções de interesse geral.

Semanario Republicano Democrático, recebe publica e agradece todas as informações de interesse geral.